SENHORA DO LIVRAMENTO
José Luis Gordo / "Marcha do Marceneiro"

Senhora do Livramento
Livrai-me deste tormento
De a não ver há tantos dias
Partiu zangada comigo
Deixou-me um retrato antigo
Que me aquece as noites frias

Senhora que o pensamento
Corre veloz como o vento
Rumando estradas ao céu
Fazei crescer os meus dedos
P'ra desvendar os segredos
Num céu que não é só meu

Senhora do céu das dores
Infernos, prantos, amores
A castigar tanto norte
Porque é que partiste um dia
Sofrendo a minha agonia
E não me roubaste a morte

O MEU AMOR ANDA EM FAMA
João Ferreira Rosa, João Mário Veiga, Fernando Pessoa, Carlos Conde / Fado Mouraria

O meu amor anda em fama
Mesmo assim lhe quero bem
Os olhos do meu amor
Não os vejo em mais ninguém

Eu nunca pensei na vida
Vir um dia a encontrar
A minha vida escondida
Dentro do teu olhar

Eu bem sei que me desdenhas
Mas gosto que seja assim
Que o desdém que por mim tenhas
Sempre é pensares em mim

Se algum dia me deixares
Meu amor por caridade
Entre as coisas que levares
Leva também a saudade

PONTO DE ENCONTRO
Manuela de Freitas / Fado Franklim de quadras

A medida em que me meço
Mede a medida de um ponto
De encontro do que conheço
Co' aquilo com que não conto

Ponto de encontro da sorte
Com o traçado da corrida
Em que a coragem na morte
Nasce do medo da vida

Veneno, punhal, saída
Porta aberta para o fim
Loucura comprometida
Com o que conheço de mim

É nesse ponto-momento
Que no limite do excesso
Me transformo no que invento
E finalmente apareço

ÀS VEZES SONHO UM PAÍS
Fernando Pessoa / Fado Tamanquinhas

Às vezes, em sonho triste
Nos meus desejos existe
Longinquamente um país
[Às vezes sonho um país]
Onde ser feliz consiste
Apenas em ser feliz

Vive-se como se nasce
Sem o querer nem saber
Nessa ilusão de viver
[É uma ilusão de viver]
O tempo morre e renasce
Sem o sentirmos correr

O sentir e o desejar
São banidos dessa terra
O amor não é amor
[O amor não é amar]
Nesse país por onde erra
Meu longínquo divagar

Nem se sonha nem se vive
É uma infância sem fim
Parece que se revive
[A infância que se revive]
Tão suave é viver assim
Nesse impossível jardim

À MERCÊ DE UMA SAUDADE

Aldina Duarte / Fado Esmeraldinha

O amor anda à mercê duma saudade
Com ele anda sempre a ilusão
O nosso amor não tem a mesma idade
Nem tem a mesma lei no coração

Sabemos qual a ânsia da chegada
E nunca recordamos a partida
Trazemos na memória renegada
A dor de uma distância sem saída

Existem entre nós sonhos calados
Que a vida não permite acontecer
Por vezes sigo os teus olhos parados
E sinto que é por ti que vou viver

Recuso lamentar a minha entrega
Teus braços são a minha liberdade
O amor é fantasia que nos cega
É força que transforma a realidade

MARIA
Antero de Quental / Fado Marques do Amaral

Tenho cantado esperanças...
Tenho falado d' amores...
Das saudades e dos sonhos
Com que embalo as minhas dores...

E eu cuidei que era poesia
Todo esse louco sonhar...
Cuidei saber o que é vida
Só porque sei delirar...

Eram fantasmas que a noite
Trouxe, e o dia levou...
À luz da estranha alvorada
Hoje minha alma acordou !

Esquece aqueles cantos...
Só agora sei falar !
Perdoa-me esses delírios...
Só agora soube amar !

NÃO SEI
Manuela de Freitas / Fado Versículo

Não sei que roupa é esta que eu uso
Que tanto me protege e tanto pesa
Que devolve à imagem que eu recuso
Os gestos livres em que me sinto presa

Não sei que rio é este em que me banho
Que destrói todas as margens que escolhi
Que leva para o mar tudo o que tenho
E me traz da nascente o que perdi

Não sei que vento é este de repente
Que tudo o que eu desfiz ele refaz
Que me empurra com força para a frente
Quando caio desamparada para trás

Não sei que tempo é este em que carrego
Co' a memória das coisas que não guardo
Que me obriga a partir sempre que chego
E a chegar cedo demais sempre que tardo

Não sei que sol é este que me abrasa
Quanto mais tapo os olhos e me abrigo
Que abre a tudo o que é estranho a minha casa
Quanto mais eu me fecho só comigo

Que não-saber é este que não quer
Saber do não-saber que lhe ensinei
E que faz com que eu aprenda sem querer
A saber cada vez mais o que não sei

AH QUANTA MELANCOLIA
Fernando Pessoa / Fado Bailado

Ah quanta melancolia
Quanta, quanta solidão
Aquela alma que vazia
Que sinto inútil e fria
Dentro do meu coração

Que angústia desesperada
Que mágoa que sabe a fim
Se a nau foi abandonada
E o cego caiu na estrada
Deixai-os que tudo é assim

Sem sossego, sem sossego
Nenhum momento de meu
Onde for que a alma emprego
Na estrada morreu o cego
A nau desapareceu

A MINHA RUA
Manuela de Freitas / Fado Alexandrino antigo

Mudou muito a minha rua
Quando o outono chegou
Deixou de se ver a lua
Todo o trânsito parou
O homem do realejo
Nunca mais por lá passou
O Tejo já não o vejo
Um grande prédio o tapouMuitas portas estão fechadas
Já ninguém entra por elas
Não há roupas penduradas
Nem há cravos nas janelas
O relógio da estação
Marca as horas em atraso
E o menino do pião
Anda a brincar ao acasoNão há marujos na esquina
De manhã não há mercado
Nunca mais vi a varina
A namorar com o soldado
A livraria fechou
A tasca tem outro dono
A minha rua mudou
Quando chegou o outonoO padeiro foi-se embora
Foi-se embora o professor
Na rua só passa agora
O abade e o doutor
Há quem diga "ainda bem,
Está muito mais sossegada"
Não se vê quase ninguém
E não se ouve quase nadaEu vou-lhes dando razão
Que lhes faça bom proveito
E só espero pelo verão
P'ra pôr a rua a meu jeito

MOTE
Fernando Pessoa / Fado Isabel

Quando a dor me amargurar
Quando sentir penas duras
Só me podem consolar
Teus olhos, contas escuras

D' eles só brotam amores
Não há sombra d' ironias
Teus olhos sedutores
São duas ave-marias

Se acaso a vida os vem turvar
Fazem-me sofrer torturas
E as contas todas rezar
Do rosário d' amarguras

Ou se os alaga a aflição
Peço pra ti alegrias
Numa fervente oração
Que rezo todos os dias

Teus olhos, contas escuras
São duas ave-marias
No rosário d' amarguras
Que rezo todos os dias

QUEM VAI AO FADO
Jorge Fernando

Quem vai ao fado, meu amor
Quem vai ao fado
Leva no peito algo de estranho a latejar
Quem vai ao fado, meu amor
Quem vai ao fado
Sente que a alma ganha asas, quer voar

Sempre que entristeço e a nostalgia cai em mim
Ouço de tão longe estranha voz por mim chamar
É um canto doce, mavioso, ou coisa assim
Mais vale cantar do que chorar
Bálsamo bendito a esta terra quis Deus dar
Mais vale cantar do que chorar

Quem vai ao fado, meu amor
Quem vai ao fado
Leva no peito algo de estranho a latejar
Quem vai ao fado, meu amor
Quem vai ao fado
Sente que a alma ganha asas, quer voar

Sempre que radioso o coração se agita em mim
Num impulso alegre a felicidade vem morar
Abandono a voz no mouraria porque assim
Mais vale cantar do que chorar
Bálsamo bendito a esta terra quis Deus dar
Mais vale cantar do que chorar

Quem vai ao fado, meu amor
Quem vai ao fado
Leva no peito algo de estranho a latejar
Quem vai ao fado, meu amor
Quem vai ao fado
Sente que a alma ganha asas, quer voar

GUITARRA, GUITARRA
Jorge Fernando

Ó guitarra, guitarra, por favor
Abres-me o peito com chave de dor
Guitarra emudece
O som que me entristece
Vertendo sobre mim a nostalgia

Ó guitarra, guitarra, vais ter dó
Não rasgues o silêncio a um homem só
Guitarra o teu gemer
Mais dor me vem fazer
Como o vento a afagar a noite fria

Guitarra emudece
O som que me entristece
Pois se te ouço chorar também eu choro
Maior do que a madeira em que te talham
Guitarra, é o teu mundo onde eu moro

Ó guitarra, guitarra, por favor
Abres-me o peito com chave de dor

Ó guitarra, guitarra, fica muda
Sem ti talvez minh' alma inda se iluda
Vais ter que responder
Ao peso desta enorme nostalgia

Guitarra emudece
O som que me entristece
Pois se te ouço chorar também eu choro
Maior do que a madeira em que te talham
Guitarra, é o teu mundo onde eu moro

Ó guitarra, guitarra, por favor

FADO PENÉLOPE
Manuela de Freitas, José Mário Branco / José Mário Branco

Sagrado é este fado que te canto
Do fundo da minh'alma tecedeira
Da noite do meu tempo me levanto
E nasço feito dia à tua beira

Passei por tantas portas já fechadas
Co'a dor de me perder pelo caminho
A solidão germina nas mãos dadas
Que dão a liberdade ao passarinho

E enquanto o meu amor anda em viagem
Fazendo a guerra santa ao desespero
Eu encho o meu vazio de coragem
Fazendo e desfazendo o que não quero

A fome de estar vivo é tão intensa
Paixão que se alimenta do perigo
De o chão em que se inscreve a minha crença
Só ter por garantia ser antigo

SOPRAM VENTOS ADVERSOS
Manuela de Freitas / José Mário Branco

Sopram ventos adversos
Junto à praia que se quis
E há sentimentos dispersos
Que são barcos submersos
No mar do que se não diz

Nos mastros que vão quebrar
Soltas velas de cambraia
E é cada remo a tentar
Menos um barco no mar
Mais um cadáver na praia

O dia nunca alcançado
Morre em todas as marés
E é sempre dia acabado
Junto ao sargaço espalhado
De tudo o que se não fez

EU NÃO ME ENTENDO
José Luis Gordo / José Mário Branco

Entrego a minha voz ao coração do vento
E quanto mais água dos meus olhos corre
Mais fogo acendo
Eu não me entendo
Eu não me entendo

E por ti já gastei o pensamento
Ai amor, ai amor, se o tempo
Já gastou, já gastou o nosso tempo
Eu não me entendo
Eu não me entendo

A primavera do meu tempo
Já gastei a primavera do meu tempo
Já fiz da boca jardins de vento
E não me entendo
E não me entendo
Eu não me entendo
CAMANÉ - letras do álbum NA LINHA DA VIDA